

**A Linguagem Literária: alguns recursos linguísticos-literários usados na construção da obra *O Primo Basílio***

**The Literary Language: some linguistic-literary resources used in the construction of the work *O Primo Basílio***

Camila Ferreira de Carvalho<sup>1</sup>

Faculdade Cidade Verde

Ray da Silva Santos<sup>2</sup>

Universidade Federal do Sergipe

**Resumo:** A presente pesquisa possuiu a finalidade de identificar alguns recursos linguísticos e literários utilizados para a construção da obra clássica *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós. Após a identificação, foi analisado como esses recursos ajudam a definir as personagens, dando-lhe características e permitindo assim a construção mental da imagem dos sujeitos com riqueza de detalhes. Para tanto, realizou-se o fichamento do livro literário e, posteriormente, uma análise qualitativa, com auxílio das referências pertinentes ao tema. Percebeu-se a presença constante de adjetivos e figuras de linguagem e assim foi possível conhecer alguns recursos utilizados por Eça de Queirós, que permitem ao leitor penetrar na obra e viver o que está escrito e sentir um misto de sensações que só a literatura pode proporcionar com a ajuda da linguística.

**Palavras-chave:** Literatura; Realismo; Naturalismo; Linguística; Eça de Queirós.

**Abstract:** The presente research had the purpose of identifying some linguistic and literary resources used for the construction of the classical work *O Primo Basílio*, by Eça de Queirós. After the identification, it was analyzed how these resources help to define the characters, giving them characteristics and allowing the mental construction of the subjects images with rich details. For this purpose, a literary book annotation was made and later a qualitative analysis, with the help of the pertinent references to the theme. It was noticed that the constant presence of adjectives and figures of speech and thus it was possible to know some of the resources used by Eça de Queirós allow the reader to penetrate the work and live what is written, feeling a mix of feelings that only literature can provide with the help of linguistics.

**Key-words:** Literature; Realism; Naturalism; Linguistics; Eça de Queirós

**Recebido em 2 de outubro de 2018.**

**Aprovado em 14 de novembro de 2018.**

## **Introdução**

Pode-se dizer que a linguagem é o que irá distinguir o homem dos outros animais. Dessa forma, é correto que a comunicação nasce com o sujeito, estando ao lado

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras pelo UniAGES - Centro Universitário e está especializando-se em Letras: Português e Literatura pela Faculdade Cidade Verde. E-mail: camilaprofa@outlook.com

<sup>2</sup> Mestrando em Cinema e Narrativas Sociais pela UFS. E-mail: sobreray@outlook.com

da linguagem, pois diz respeito à capacidade de produzir e desenvolver elementos da língua. Em decorrência disso, Teles (2012, p. 21) explica que “o estudo da língua é objeto precípuo da linguística”. A língua está dentro da linguagem, sendo um instrumento da comunicação regido por regras gramaticais determinadas.

É certo que os indivíduos estão cercados por comunicação. Tudo ao seu redor tem a função de comunicar. A partir desse momento, nota-se a estreita relação entre linguagem e literatura, já que essa também tem a função de informar, fazendo, assim, parte da ciência da linguística.

Com o poder de recriar a realidade, a literatura é capaz de possibilitar experiências únicas, por intermédio da imaginação. Ao ouvir uma música ou ler uma obra, por exemplo, os indivíduos estão sujeitos a viajar no tempo e viver situações que só são possíveis no mundo subjetivo. Tudo isso irá refletir na realidade, uma vez que gera um misto de sentimentos positivos e/ou negativos e abre os olhos dos indivíduos para o mundo que os rodeia. Ou seja, a literatura tem a capacidade de transformar seres, aprimorando, assim, sua visão de mundo e tornando-os sujeitos críticos e atuantes no meio social no qual estão inseridos.

Toda e qualquer representação artística instiga reflexão, é nesse momento que novos mundos são conhecidos ou têm-se acesso ao que já faz parte da realidade empírica. Ao falar em obras que escancaram a realidade, lembra-se de Eça de Queirós, um grande nome da Literatura Portuguesa que introduziu, juntamente com Antero de Quental, o naturalismo no país (Portugal). Nessa fase, Eça de Queirós tinha como objetivo principal denunciar a burguesia por meio de críticas à sociedade portuguesa.

Com suas obras polêmicas, frases que traziam à tona a realidade da época e do homem, e uma linguagem objetiva, Queirós trouxe grandes contribuições para a história da Literatura. Seus livros permitem ao leitor realizar uma viagem pela própria realidade, prendendo-o e tornando-o curioso para saber o desfecho da história relatada.

O romance realista (e o naturalista) buscava se opor ao romance romântico por meio de ataque à realidade, mostrando o que antes estava escondido, revelando as misérias que destruíam os casamentos, como o adultério, abordado por Eça em *O Primo Basílio*. De acordo com Moisés (2008, p. 259), “dar-se-ia à Burguesia a possibilidade de tomar consciência da situação e de encontrar saída honrosa para ela”.

Além disso, compreende-se que a linguagem, segundo Bakhtin (1997), faz parte da coletividade, mas cada escritor terá uma maneira própria de utilizá-la. Vale aqui

ressaltar que o autor poderá alterar o seu estilo de uma obra para outra, o que não irá eliminar a sua autenticidade. Em decorrência disso, Cardoso e Ignez (2013) explicam que o estilo da época costuma ser objeto de estudo da estilística, uma vez que determinadas tendências de um dado período exercem grande influência sobre as obras que nele se inserem.

Certo é que a linguagem literária faz uso constante do sentido figurado, as palavras representam o que vai muito além do seu sentido original. Assim sendo, para Proença Filho (1989), em um texto literário o que as palavras representam vai muito além do sentido lógico. A partir do momento em que o autor atribui novos sentidos às palavras, está sendo feito uso de figuras de linguagem, que, segundo Rocha Lima (2013, p. 596), “são certas maneiras de dizer que expressam o pensamento ou o sentimento com energia e colorido, a serviço das intenções estéticas de quem usa”.

A presente pesquisa possuiu a finalidade de identificar alguns recursos linguísticos e literários utilizados para a construção da obra clássica *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós, bem como identificar como esses recursos ajudam a definir as personagens, dando-lhe características e permitindo assim a construção mental da imagem dos sujeitos com riqueza de detalhes. Para tanto, realizou-se o fichamento do livro literário e posteriormente uma análise qualitativa, com auxílio das referências pertinentes ao tema.

## **1. A literatura**

Tida como independente, a literatura permite que o sujeito fuja de seu mundo real e passe a viver uma realidade que ganha vida na sua imaginação. Ao mesmo tempo em que pode ampliar o conhecimento de mundo, a literatura é capaz de gerar um conhecimento maior de si próprio que resultará na formação de sujeitos críticos e participativos. É sabido dizer que a literatura admite uma pluralidade de conceitos, uma vez que gira em torno da subjetividade.

À medida que proporciona um vasto conhecimento aos leitores, a literatura altera seu ponto de vista sobre determinados fatores sociais; é isso que acontece com obras de autores realistas que tiveram preocupação em escancarar a realidade da época com a finalidade de abrir os olhos da comunidade para o que ocorria ao seu redor. Vieira (2008, p. 442) explica que “seja no papel de escritor ou de leitor, a Literatura possibilita ao homem a expansão do seu potencial criador e imaginativo, satisfazendo

sua necessidade de ficção”. Dessa forma, a literatura permite que o sujeito visite mundos desconhecidos por meio de sua imaginação e capacidade criativa.

Barthes (1977, p. 90) afirma que “se, por e não sei que excesso de socialismo ou e barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário”. Com essas palavras, o autor destaca a importância que a literatura tem para todos os indivíduos, independentemente de sua posição na sociedade.

Conforme afirmado por Eagleton (2013), talvez a literatura seja definida pelo fato de empregar uma linguagem peculiar, transformando e intensificando a linguagem comum. À medida que isso procede, é notório que a linguagem empregada em obras literárias se distancia da fala cotidiana, pois é uma linguagem que consegue prender a atenção do interlocutor, tem plurissignificados, possui sentido conotativo.

Dessa forma, o que torna a linguagem literária única é o fato de ela modificar a linguagem comum por intermédio de artifícios literários, como as figuras de linguagem, que são capazes de causar estranhamento nos indivíduos, porque é algo diferente daquilo com que estão acostumados a vivenciar no cotidiano (no dia a dia utilizamos com mais frequência as palavras com seu sentido denotativo).

### **1.1 A Literatura em Portugal**

A literatura originou-se antes mesmo da escrita: o homem sentiu a necessidade de preservar os fatos históricos de sua época e, assim, surgiram as primeiras lendas – que eram transmitidas oralmente – e as canções. O fato dessas produções terem sido repassadas de forma oral fazia com que não houvesse o (re) conhecimento do autor. Tal conhecimento só se tornou possível após o surgimento da escrita, em razão de que a literatura ganhou forma e o autor passou a ser identificado. Sabendo que a literatura sempre abraçou o homem por toda a história, vamos agora conhecer um pouco mais da literatura que se construiu em terras portuguesas.

As literaturas grega e latina tiveram grande importância para a Literatura Portuguesa, uma vez que serviram de exemplo para os autores portugueses no decorrer da Idade Média. Para Ledo (2001, p.6), “foi através delas que muitos autores portugueses se engajaram no caminho literário e se fixaram na história das artes”.

Durante o período da Idade Média (final do século V até o século XV) houve o surgimento do primeiro movimento literário no mundo ocidental: o Trovadorismo. Esse

movimento tinha a missão de apresentar a realidade da época através de poesias acompanhadas por instrumentos musicais, como a lira e a harpa. Moisés (2008, p. 24) vem afirmar que:

Na Provença, o poeta era chamado de *troubadour*, cuja forma correspondente em Português é *trovador*, da qual deriva *trovadorismo*, *trovadoresco*, *trovadorescamente*. No norte da França, o poeta recebia o apelativo *trouvère*, cujo radical é idêntico ao anterior: *trouver* (achar). Os poetas deviam ser capazes de compor, *achar* os versos e o *som* (melodia), isto é, a sua canção, cantiga ou cantar, e o poema assim se denominava por implicar o canto e o acompanhamento musical.

Sucedendo o Trovadorismo, o Humanismo inicia por volta de 1418 com o objetivo de contestar o teocentrismo e apresentar ideias centradas no homem. Moisés (2008, p. 42) fala que “Esta época se caracteriza fundamentalmente pela humanização da cultura”. É neste momento que a sociedade passa por uma transformação histórica e a ênfase é dada ao homem como tal.

Em 1527, surge em Portugal o Renascimento, estendendo-se até 1580. Nesse período (também conhecido como Classicismo), de acordo com Ledo (2001), houve a supervalorização do homem. O teocentrismo e misticismo foram deixados de lado e antropocentrismo passou a ser o centro das atenções. O referido autor explica que esse movimento se deu com “o retorno do poeta Sá de Miranda após seus estudos na Itália, trazendo inovações de poetas italianos. Porém, foi com Luís de Camões que ocorreu o aprimoramento dessas novas técnicas poéticas” (LEDO, 2001, p. 27).

O Barroco (1580-1756) teve seu início na Espanha. Moisés (2008, p. 110) afirma que “esse movimento foi introduzido em Portugal durante o reinado filipino, é de instável contorno, por corresponder a uma profunda transformação cultural, cujas raízes constituem ainda objeto de polêmica”. Nesse período o homem reage contra a burguesia e seus valores e volta-se para Deus, “estes fatores fizeram com que o homem conciliasse os valores medievais (teocentrismo) com os valores renascentistas (antropocentrismo)” (LEDO, 2001, p. 35).

O próximo movimento inserido em Portugal foi o Arcadismo, iniciado em 1756 e finalizado em 1825. O público estava cansado do exagero presente na arte barroca e a burguesia conseguiu superar os valores religiosos. Conforme Abdala e Paschoalin (1982), o Arcadismo marcou a rebeldia contra o Barroco e a tentativa de reconstruir a

simplicidade do Renascimento, por esse motivo, também era conhecido como Neoclassicismo. De acordo com Ledo (2001, p. 43):

O Arcadismo ficou também conhecido por setecentismo (os anos 1700) e neoclassicismo e refletiu uma época que ficou conhecida como o Século das Luzes ou Iluminismo, movimento filosófico cujo objetivo era o de defender a liberdade de pensamento e usar a razão como instrumento de análise e domínio da realidade. Lutaram contra os excessos do Barroco e defenderam uma arte racional e didática.

Por estarem ligados ao Iluminismo, os escritores dessa época eram formados por meio de uma visão racional, uma vez que “filósofos passam a acreditar que a razão é a única fonte de conhecimento da natureza e da vida em sociedade” (ABDALA; PASCHOALIN, 1982, p. 63).

Em sequência surge o Romantismo (1825-1865), destacando-se pela individualidade e contemplação do “eu”. Com isso, é correto que esse movimento se caracterizou pela forma de pensar a vida. Para Moisés (2008), os românticos voltam-se para si mesmos, ficam presos no seu mundo interior e vegetam sentimentos vagos. Ainda segundo o referido autor, esses sentimentos causam o desequilíbrio e levam o sujeito a reviver atitudes adolescentes, pois “o Romantismo é uma estética da juventude, expressando sentimentos femininamente juvenis, ou vice-versa” (MOISÉS, 2008, p. 170).

Após o Romantismo, em 1865, surge o Realismo em Portugal, estendendo-se até o ano de 1890. Esse movimento destacou-se pela ousadia de retratar a realidade da época em suas obras. Assim, Ledo (2001, p. 66) relata que “o Realismo, portanto, é o reflexo da desilusão do homem frente à sociedade: miséria das cidades, crise da produção no campo e péssimas condições de vida”. Com isso, é importante frisar que os autores desse período se colocaram contra as doutrinas românticas. Dessa forma, a referida autora destaca que o Realismo substituiu o subjetivismo do Romantismo pela visão objetiva da realidade externa. Os autores realistas objetivavam romper com o sentimentalismo para que fosse possível se concentrar no objeto, este que não dizia respeito a seu “eu”.

O movimento realista teve como derivação o Naturalismo. Obviamente, esse também buscava denunciar a realidade da época. De acordo com Vechi et al.(1994), atitude “realista” sempre existiu na história das artes, mas tal atitude só se transformou no movimento artístico denominado Realismo quando “se tornou um programa estético,

conscientemente embasado em postulados científicos e filosóficos” (VECHI et al., 1994, p. 97). Foi a partir do surgimento do Realismo como movimento literário que a realidade começou a ser transcrita nos livros. Para Moisés (2008), como consequência desse momento a obra literária passou a ser vista como utensílio, arma de combate, de reforma e ação social, servindo para ajudar a solucionar os problemas humanos.

O Realismo deu origem ao Naturalismo, portanto, são tendências que possuem semelhanças e diferenças entre si. Pode-se dizer que o Naturalismo é “metamorfose avançada da estética realista” (MOISÉS, 2008, p. 227). Enquanto o Realismo não invade completamente a intimidade da sociedade, agindo com certo pudor, o naturalismo buscou mostrar o que está escondido, com o intuito de observar os caprichos da sociedade, como o adultério retratado na obra *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós. Sobre o Naturalismo, Abdala e Paschoalin (1982, p. 103) acrescentam que todos os detalhes devem ser vistos, e o artista deve ser neutro, impassível, objetivo. A neutralidade, entretanto, não existe, e os artistas aparecem, de forma explícita ou implícita, como defensores dos valores ideológicos de sua época.

Em *O Primo Basílio*, Eça “procurava atender aos principais objetivos da chamada fase mais propriamente realista/naturalista” (RODRIGUES, 2012, p. 281). Além do adultério – como já foi citado há pouco – essa magnífica obra aborda também questões como a falsidade e a trajetória de Juliana (que chantageia sua patroa a fim de lhe tirar bens e humilhá-la).

Opondo-se ao Realismo, o Simbolismo inicia em 1890 e se prolonga até 1915. Abdala e Paschoalin (1982) frisam que o símbolo tinha o papel de estabelecer uma ponte entre os mundos material e espiritual. Destacando-se com a poesia, esse movimento retoma o subjetivismo visto no Romantismo. Para Ledo (2001, p. 85), esse período é complexo, pois “quando não se consegue explicar o mundo exterior, os artistas apelam para a negação deste, voltando-se para uma realidade subjetiva, interior”.

Sucedendo esse movimento literário, nasce o Modernismo, “a ruptura com a estética tradicional, da qual surgiram várias correntes estéticas [...]” (LEDO, 2001, p. 95). Tais correntes também eram conhecidas como vanguardas. As que mais tiveram destaque – conforme a autora mencionada – foram Cubismo, Dadaísmo, Futurismo, Surrealismo e Expressionismo. Em Portugal, essas correntes literárias “organizaram-se

em torno da revista *Orpheu* (1915). Foi um movimento tipicamente lisboeta” (ABDALA; PASCHOALIN, 1982, p. 135).

## **2. O Primo Basílio: breve resumo da obra**

Em *O Primo Basílio*, lançado em 1878, na cidade de Porto (Portugal), Eça de Queirós escancara as portas da burguesia lisbonense, trazendo à tona seus problemas familiares e o adultério. A obra é composta por dezesseis capítulos e apresenta uma linguagem acessível, apesar de ser ao mesmo tempo culta.

Já no primeiro capítulo, o autor apresenta o conflito da obra. Jorge, Marido de Luísa, precisa viajar a trabalho; a esposa descobre que seu primo (e ex-noivo) Basílio está na cidade. Ainda nesse capítulo, Juliana é apresentada como uma criada inofensiva, transparente. Conforme Abdala e Paschoalin (1982), a investigação social feita no período do Realismo deixou a desejar, pois o escritor não tinha um conhecimento amplo sobre a população geral. Assim, as personagens populares são abordadas nas obras literárias de forma breve e superficial, sem grande importância. O referido autor cita uma exceção presente no livro *O Primo Basílio*, pois Juliana é uma figura simples e muito importante no desenvolvimento da trama. “E mesmo Juliana é difícil de ser entendida no quadro da vida portuguesa, faltando-lhe a tipicidade pretendida pela estética realista-naturalista” (ABDALA; PASCHOALIN, 1982, p. 112).

No segundo capítulo o leitor conhece as personagens secundárias que fazem visitas à casa de Luísa e Jorge, bem como Leopoldina e Sebastião. Enquanto Jorge viajava a negócios, Basílio, sempre educado e galanteador, fez algumas visitas à sua prima Luísa que – a princípio – mostrava-se ser uma mulher fiel ao seu esposo, reservada.

No decorrer da trama, Leopoldina é apresentada como uma mulher vulgar, que significava uma má influência para Luísa, segundo Jorge, pois possuía vários amantes e, conseqüentemente, uma má fama pela cidade: “havia doze dias que Jorge tinha partido e, apesar do calor e da poeira, Luísa vestia-se para ir à casa de Leopoldina. Se Jorge soubesse não havia de gostar, não!” (QUEIRÓS, 2006, p. 45). Apesar de ter má fama, a Pão de Queijo, como era conhecida na cidade, tinha a admiração de Luísa. As histórias picantes de Leopoldina com seus amantes faziam a delicada esposa de Jorge sentir uma imensa curiosidade sobre aventuras fora do casamento.



Durante essas visitas, Luísa reascendeu sua paixão por Basílio, que jurou amá-la também. Além das visitas, o primo enviava algumas cartas para Luísa marcando encontros e descrevendo seus momentos mais quentes no lugar onde se encontravam, o qual chamavam de “paraíso”. Por um descuido de Luísa, essas cartas param nas mãos de Juliana, que finda tendo-as como “garantia da aposentadoria”, uma vez que visava chantagear sua patroa. Juliana sempre foi uma mulher miserável, vivia de migalhas. Ter as cartas de Basílio para Luísa era sua única esperança de ter uma vida melhor, menos sofrida. Luísa, que sempre tratava sua criada de forma desprezível, precisou mudar seu comportamento com Juliana.

Sebastião, amigo de confiança de Jorge, ajuda Luísa a recuperar as cartas roubadas por Juliana, mas as primeiras tentativas foram falhas. A última delas resultou na morte da criada. Sentindo-se pressionada por Sebastião, Juliana finda sofrendo um ataque: “mas de repente a boca abriu-se-lhe desmedidamente, arqueou-se para trás, levou com ânsia as mãos ambas ao coração, e caiu para o lado, com um som mole, como um fardo de roupa” (QUEIRÓS, 2006, p. 303).

Após a morte de sua criada, Luísa passou a se sentir perturbada, tendo febres constantes e pesadelos envolvendo Juliana. Pouco tempo depois, enquanto sua esposa descansava aos cuidados do médico, Jorge tem acesso a uma carta (para Luísa) que o carteiro lhe entregara. Inicialmente evitou abri-la, pois não queria ser indelicado. Com o passar do tempo a curiosidade tomou conta de si e não pode deixar de abrir o envelope, pois estava consumido por diversos pensamentos sobre o que poderia estar escrito na carta, principalmente porque viera da França. Ao abrir a carta, deparou-se com as seguintes palavras:

MINHA QUERIDA LUÍSA, Seria longo explicar-te, como só antes de ontem em Nice — de onde cheguei esta madrugada a Paris — recebi a tua carta que pelos carimbos vejo que percorreu toda a Europa atrás de mim. Como já lá vão dois meses e meio que a escreveste, imagino que te arranjaste com a mulher, e que não precisas do dinheiro. De resto se por acaso o queres, manda o telegrama e tem-lo aí em dois dias. Veio pela tua carta que não acreditaste nunca que a minha partida fosse motivada por negócios. És bem injusta. A minha partida não te devia ter tirado, como tu dizes, 'todas as ilusões sobre o amor', porque foi realmente quando saí de Lisboa que percebi quanto te amava, e não há dias, acredita, em que me não lembre do Paraíso. Que boas manhãs! Passaste por lá por acaso alguma outra vez? Lembra-te do nosso lanche? Não tenho tempo para mais. Talvez em breve volte a Lisboa. Espero ver-te, porque sem ti Lisboa é para mim um desterro. Um longo beijo do Teu do C. Basílio” (QUEIRÓS, 2006, p. 316).

Sentindo-se desorientado, Jorge seguiu até a alcova onde sua esposa se encontrava. Ao se aproximar de Luísa, tomado por um misto de sentimentos, Jorge não disfarçou sua angústia. Indignado, Julião surgiu com grande preocupação, pois havia visto o quanto exaltada estava sua paciente.

Apesar de todo o sofrimento, Jorge não comentou com Luísa sobre o que leu, pois, acima de tudo, estava a saúde da sua amada esposa. Algumas semanas depois, Luísa aparenta estar melhor e Jorge não aguenta mais: finda revelando que leu a última carta enviada por Basílio. Aos prantos, Luísa parecia imóvel. Sentia seu mundo desmoronar. Ao ver sua esposa adormecendo em meio a tanta angústia, Jorge ajoelhou-se aos pés da cama e disse com todo tom de perdão: “- Que tens tu? Não se fala mais em tal. Acabou-se. Não estejas doente. Juro-te, amote... fosse o que fosse, não me importa. Não quero saber, não” (QUEIRÓS, 2006, p. 327).

O fato de saber que Jorge descobriu tudo sobre romance com Basílio fez com que Luísa sentisse uma forte dor de cabeça. A pobre moça implorava para que partissem sua cabeça ao meio, pois, segundo ela, estava cheia de pedras. Tiveram que raspar seu cabelo para que a água agisse mais rápido sobre sua cabeça. Amedrontado pela ideia de perder sua amada, Jorge não pensava em outra coisa a não ser na saúde de Luísa. Estava decidido a esquecer de tudo o que houve entre ela e Basílio.

No penúltimo capítulo dessa grandiosa obra realista, Luísa não resiste e acaba morrendo, o que causa um tremendo desgosto em Jorge. Após o enterro de Luísa, Basílio retorna a Lisboa e todas as recordações sobre o “Paraíso” rodeiam por seus pensamentos. Não parava de pensar em Luísa, mas não sabia que a mesma havia morrido. Logo depois, Basílio resolveu fazer uma visita à sua prima, entretanto, a casa encontrava-se vazia. Antes de ir embora, soube que a mesma havia falecido devido uma forte febre.

### **3. A definição do homem: elementos linguísticos**

A obra *O Primo Basílio* pertence à segunda fase literária de Eça de Queirós, inaugurada com a publicação de *O Crime do Padre Amaro*, em 1875. Moisés (2008) explica que nessa fase, Eça aderiu às teorias do Realismo iconoclasta, produzindo obras que objetivavam destruir as instituições vigentes (Monarquia, Igreja e Burguesia) por meio de críticas e ironias, estas últimas com sutileza e graça. O referido autor completa

que as situações ridículas das criaturas escolhidas pelo escritor como exemplos de uma sociedade hipócrita que manchavam os princípios morais eram transformadas em risos.

Eça de Queirós adotou uma linguagem culta e acessível em *O Primo Basílio*, o que facilita o entendimento dessa magnífica obra literária. Percebe-se, assim, que o autor fez uso de alguns elementos linguísticos no decorrer de sua produção, tais como figuras de linguagem e adjetivos. O uso desses é constante na busca de definição de suas personagens. Sendo assim, será feita uma breve análise dessa grandiosa obra com o objetivo de entender os aspectos estéticos presentes na mesma.

O uso de adjetivos ajuda Eça a descrever detalhadamente os elementos da obra. O uso constante dessa classe de palavras possibilita que o leitor crie uma imagem das personagens e do local por meio dessas informações. A obra realista/naturalista busca representar a realidade por meio da riqueza de detalhes. Dessa forma, o leitor sente-se como se estivesse junto aos personagens, dentro do próprio cenário. Logo no primeiro capítulo, o autor comprova essa afirmação ao apresentar Luísa:

Ficara sentada à mesa a ler Diário de Notícias, no seu roupão de manhã de fazenda preta, bordado a sutache, com largos botões de madreperla; o cabelo louro um pouco desmanchado, com um tom seco do calor do travesseiro, enrolava-se, torcido no alto da cabeça pequeninha, de perfil bonito; sua pele tinha a brancura tenra e láctea das louras; com o cotovelo encostado à mesa acariciava a orelha, e, no movimento lento e suave dos seus dedos, dois anéis de rubis miudinhos davam cintilações escarlates (QUEIRÓS, 2006, p. 11).

Pode-se perceber que nesse trecho o autor detalha os trajes de Luísa e seu próprio visual, o que leva o leitor a notar a personagem como uma mulher delicada. Para Santos (2012), os adjetivos são tão importantes quanto os substantivos na organização da sociedade, o que possibilita distinguir o preto do branco, o bonito do feio, assim como é a forma de um sujeito enxergar o mundo no qual está inserido: bom ou mau. Ademais, Silva et al. (2013, p. 210) explicam que “a adjetivação é um valioso recurso linguístico que ajuda a evidenciar os fenômenos psicológicos e afetivos da linguagem, revelando os posicionamentos assumidos pelo enunciador”.

Desse modo, se a obra literária em análise não tivesse utilizado o adjetivo *louro* – como mostrado acima – para se referir à cor do cabelo de Luísa, o leitor não teria uma imagem tão exata sobre a personagem. Logo, haveria grande possibilidade de o leitor criar a imagem de uma Luísa com cabelos negros, ruivos ou até mesmo louros.

No enunciado “Luísa veio para ela com os braços abertos [...]” (QUEIRÓS, 2006, p. 21), o adjetivo “abertos” determina o substantivo “braços” pela relação estrutural das suas classes gramaticais. Assim, por uma análise gramatical, tal adjetivo vem caracterizar o substantivo citado. Em outro trecho percebe-se a intensidade da paixão aventureira vivida por Luísa e Basílio ao utilizar tantos adjetivos para representar um único beijo das personagens em um dado momento: “Os seus lábios uniram-se num beijo profundo, longo, penetrante” (QUEIRÓS, 2006, p. 173).

Além do acúmulo de detalhes expressado pelos adjetivos, *O Primo Basílio* apresenta figuras de linguagem que enriquecem a linguagem presente no romance. Logo no primeiro capítulo é possível notar a presença da catacrese na seguinte passagem: “[...] uma vaga quebreira amolentava, trazia desejos de sestas ou de sombras fofas debaixo de arvoredos, no campo, ao pé da água; [...]” (QUEIRÓS, 2006, p. 11). É sabido que a expressão “ao pé da água” refere-se a essa figura de linguagem. De acordo com Rocha Lima (2013), há a metáfora “estética” e a metáfora “linguística”. Enquanto aquela busca causar um efeito mais emotivo, essa já faz parte de um hábito da língua, não representa um vestígio de criação inovadora.

Mais adiante, a obra apresenta mais uma figura de linguagem: a hipérbole. Esta é muito utilizada por Eça de Queirós nesse romance naturalista. Conhecida como a figura do exagero, a hipérbole vem enfatizar uma informação. Assim, nos trechos “O calor matava-a.” e “Mas não imaginas! Que calor! Venho morta!” há a presença de ideias exageradas, pois no primeiro exemplo o calor não matou a personagem, a expressão “matava-a” vem enfatizar a alta temperatura. O mesmo acontece no segundo exemplo. A personagem não está morta, mas fez uso de uma hipérbole para se referir ao cansaço enfadonho causado pelo calor.

Além das que já foram citadas, a personificação também é uma figura de linguagem muito comum em obras literárias. Segundo Terra (2011), esse recurso estilístico atribui características próprias de seres animados a seres inanimados. Ao observar o trecho “A todo o momento sentir entrar pelas janelas, passar no ar o bafo quente das queimadas! E só!” (QUEIRÓS, 2006, p. 12), comprova-se a presença dessa figura de linguagem em *O Primo Basílio*, pois a expressão “bafo” é uma característica de seres animados, uma vez que se refere ao ar que sai da boca, mau hálito.

A comparação, figura de linguagem que deriva da metáfora, é um dos recursos mais utilizados pelos escritores. Diferentemente da metáfora, a comparação irá fazer uso

de uma palavra comparativa. Observe: “Mas Luísa, a Luisinha, saiu muito boa dona de casa; tinha cuidados muito simpáticos nos seus arranjos; era asseada, alegre como um passarinho [...]” (QUEIRÓS, 2006, p. 13). Nesse recorte, percebe-se que Luísa tem sua alegria comparada (explicitamente) a de um passarinho. O mesmo acontece na passagem “Luísa saía, como louca” (QUEIRÓS, 2006, p. 243), uma vez que Luísa é comparada a uma louca. Outro exemplo de comparação aparece no capítulo quinze, quando o narrador onisciente compara a brancura de Luísa à de uma cera: “Luísa parecia adormecida agora, imóvel, branca como uma cera” (QUEIRÓS, 2006, p. 327).

Entretanto, não é possível notar essa mesma figura de linguagem no seguinte trecho: “É um anjinho cheio de dignidade”. Neste trecho, em que Sebastião elogia Luísa, a personagem faz uma comparação implícita. Certo é que Luísa está sendo comparada a um anjinho, mas esse processo não se deu por intermédio de uma palavra comparativa. Por esse motivo, afirma-se que há a presença de uma metáfora, que, segundo Terra (2001), trata-se da figura de linguagem que consiste na alteração de significado baseada na semelhança entre dois conceitos.

Em “-‘Mais um anjo que subiu ao céu! [...]’.” o autor fez uso do eufemismo, figura de pensamento que segundo Rocha Lima (2013) é uma forma de evitar uma expressão odiosa, molesta ou triste. Nesse caso, foram utilizadas palavras mais suaves para comunicar a morte de Luísa.

No decorrer do oitavo capítulo, observa-se a presença de metonímias, figura de linguagem que, segundo Terra (2011, p. 336), “[...] consiste numa transposição de significado, isto é, uma palavra que usualmente designa uma coisa passa a designar outra”. A partir dessa informação, conclui-se que a definição desse recurso estilístico se assemelha ao da metáfora. Entretanto, o mesmo autor explica que a metonímia não irá fazer a transposição de significados a partir dos traços semelhantes. Essa transposição é feita por meio da relação lógica entre os termos. Para melhor entender, faz-se necessário analisar o seguinte fragmento: “E o futuro estava certo! Aquilo era dinheiro, o pão da velhice” (QUEIRÓS, 2006, p. 189). Nesse exemplo, a palavra pão foi utilizada no lugar de alimento. Para Terra (2011), em casos como esse o autor utiliza o particular pelo geral.

Outro recurso muito utilizado em romances como *O Primo Basílio* é a elipse. Rocha Lima (2013) define essa figura de linguagem como termos que não aparecem no enunciado, mas são identificados facilmente. No trecho “- Escrevi a meu primo [...]”

Estou perdida!” (QUEIRÓS, 2006, p. 286). Nessa passagem, há a omissão do pronome pessoal *eu*, mas esse é facilmente identificado na frase.

Além disso, o zeugma também é uma figura de linguagem que tem como característica principal a omissão de termos. Para terra (2011), o que diferencia essas duas figuras de linguagem é o fato de a elipse omitir um termo que não foi dito anteriormente, mas que pode ser subentendido facilmente; já o zeugma refere-se a um termo que já apareceu antes. Dito isso, nota-se um exemplo dessa figura de linguagem – considerada um caso particular de elipse – no seguinte recorte: “[...] ouvia-se ferver a panela no fogão, e fora o martelar incessante da forja; [...]”. Nesse caso, houve a omissão do verbo *ouvir*, citado anteriormente no enunciado.

Na escrita de Eça de Queirós, figuras de linguagem ganham espaço. Apesar de o movimento realista fugir do subjetivismo, a obra em análise consegue mexer com os mais diversos sentimentos do leitor. O uso de diversos adjetivos transporta o leitor para dentro da obra, fazendo-o sentir-se entre as personagens, observando os momentos de Luísa com Basílio no paraíso; faz-nos sentir o calor matador de que tanto Luísa falava. Enfim, trata-se de uma obra rica, reveladora, eterna!

### **Considerações finais**

Por possuir uma estrutura peculiar e permitir que o sujeito fuja do seu mundo real recriando, assim, sua realidade por meio de seus pensamentos, a Literatura costuma ser motivo de conflitos em âmbitos escolares, pois as normas impostas pela gramática são ultrapassadas. É fundamental ressaltar que a leitura de textos literários permite que o sujeito entre em contato com a arte da palavra. Além disso, Gaignoux (2014, p. 501) explica que o leitor passa a conhecer “o prazer estético da criação artística, com a beleza gratuita da ficção, da fantasia e do sonho, expressos por um jeito de falar singular, carregado de originalidade e beleza”.

As obras realistas têm o poder de fazer com que as pessoas passem a ter uma visão mais apurada sobre os fatores sociais. À medida que um romance realista é lido, é inevitável fazer relações com o que nos cerca. Não é preciso vivenciar os problemas abordados na obra literária para conseguir ser tocado por ela. Entretanto, Monteiro (2009, p. 49) ressalta que “nem tudo que brota de um sentimento atinge o plano da arte: uma emoção, por mais intensa que seja, pode não ser traduzida ou comunicada de modo

a sensibilizar outras pessoas”. Destarte, percebe-se que uma mesma obra literária pode mexer com os sentimentos de uma pessoa e não sensibilizar outra.

Como visto, o estilo de cada escritor será influenciado por fatores externos. Dessa maneira, cada autor terá seu próprio modo de se expressar através de palavras. Entretanto, Monteiro (2009) defende a ideia de que estilos individuais são raros, uma vez que vários aspectos sociais influenciam na formação da subjetividade de cada escritor. Independentemente da obra e do estilo de cada escritor, a obra literária irá incitar reflexão e mudar a visão de mundo dos leitores. Ninguém permanece o mesmo depois de uma leitura, seja ela qual for. A partir disso, foi visto que a Estilística vem estudar o estilo adotado pelo autor de determinada obra, investigando os elementos linguísticos presentes na mesma. Os recursos estilísticos utilizados pelo autor constituem, segundo Proença Filho (1989), elementos que ajudam a converter a linguagem usual em linguagem literária.

Assim sendo, o presente trabalho buscou expor alguns recursos linguísticos detectados na obra *O Primo Basílio*, tais como adjetivos e figuras de linguagem. Por meio de uma análise lacônica, foi possível notar que Eça de Queirós, em sua obra *O Primo Basílio*, fala sobre o íntimo do homem com muita riqueza de detalhes, as personagens têm suas características especificadas e todo o espaço é retratado com muita precisão. Para isso, o autor utiliza alguns recursos linguísticos, como adjetivos e figuras de linguagem (muito presente no Naturalismo) que permitem ao leitor viver no enredo e sentir as emoções de cada personagem, logo, entende-se que tais recursos utilizados pelo escritor permitem que o leitor possa penetrar na obra e viver o que está escrito, sentindo um misto de sentimentos que só a literatura pode proporcionar com a ajuda da linguística.

## Referências

ABDALA, J., B.; PASCHOALIN, M. A. *História social da literatura portuguesa*. São Paulo: Ática, 1982.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARTHES, R.. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1977.

CARDOSO, E. A.; IGNEZ, A. F. A estilística e o discurso literário contemporâneo. *Matraga*, Rio de Janeiro, v.20, nº. 32, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://www.e->

publicacoes.uerj.br/index.php/matranga/article/viewFile/19838/14272>. Acesso 16 nov. 2016.

EAGLETON, T. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

GAIGNOUX, A. A. *O texto literário na escola*. 2014. Disponível em: <<http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num19/estudos/Palimpsesto19estudos07.pdf>>. Acesso em: 10 de Out. 2016.

LEDO, T. O.; MARTINS, P. *Manual de literatura: literatura portuguesa, literatura brasileira*. São Paulo: DCL, 2001.

LIMA, R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 51. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

MOISÉS, M. *A literatura portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 2008.

MONTEIRO, J. L. *A estilística: manual de análise e criação do estilo literário*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

PROENÇA FILHO, D. *Estudos de época na literatura*. 11. ed. São Paulo: Ática, 1989.

QUEIRÓS, E. *O Primo Basílio*. São Paulo: Editora Escala, 2006. (Coleção grandes obras).

RODRIGUES, I. O.; SANTOS, P. R. A. *Literaturas de língua portuguesa: história, sociedade e cultura*. Ilhéus, BA: Editus, 2012.

SANTOS, V. F. Adjetivo: uma abordagem enunciativa. *Revista de Humanidades, Tecnologia e Cultura*. ISSN 2238-3948, volume 02, nº. 01, dezembro/2012.

SILVA, S. et al. *A Expressividade Argumentativa do Adjetivo no Texto Publicitário*. SIGNUM: Estud. Ling., Londrina, nº. 16/1, pp. 201-231, jun. 2013.

TELES, G. M. *Historiografia literária brasileira*. *Jornal Opção*, Goiânia nº. 85, edição 1939, setembro de 2012.

TERRA, E. *Curso prático de gramática*. 6. ed. São Paulo: Scipione, 2011.

VECHI, C. A. et al. *A literatura portuguesa em perspectiva*. Vol. III. São Paulo: Editora Atlas S.S., 1994.